

# Ação na ponte RJ-Niterói mostra amadurecimento de "tropas de elite" no País

Três requisitos motivaram a tomada de decisão: negociação com sinais de declínio/ involução, risco insuportável e probabilidade de sucesso de alternativa tática mais enérgica

Diógenes Lucca

27 de agosto de 2019

DAVID MARK / PIXABAY



Atirador de elite: decisão sobre disparo não pode oferecer risco à vida dos reféns

Inspirados em modelos já consagrados nos EUA e na Europa, surgem no Brasil no final da década de 70, e de forma mais massiva na década de 80, os grupos táticos especiais de polícia.

Reconhecidos como “tropas de elite”, estes grupos têm por atribuição atuar em situações extraordinárias nas quais se exigem profissionais especializados, equipamentos sofisticados, armamentos diferenciados e sobretudo treinamentos específicos para lidar com as situações mais complexas enfrentadas pelas instituições policiais. Em síntese, quando a sociedade tem um problema, ela chama a polícia. Quando a polícia tem um problema, ela chama sua tropa de elite.

Inicialmente, essas equipes especiais ganharam destaque no Brasil pela natureza das missões em que atuavam e pela dedicação de seus integrantes, no entanto, faltava técnica. Importante divisor de águas surge em 1994, quando chega ao país, proveniente da academia do FBI em Quântico – Virgínia (EUA), a “Doutrina de Gerenciamento de Crises”. Nela estão presentes o conceito de crise, as medidas iniciais, as alternativas táticas, o objetivo da doutrina e outros aspectos que servem de guia seguro para os operadores policiais. É fato que a assimilação da doutrina foi um processo gradual e isso explica muitos insucessos, como foi o caso do “Ônibus 174”, no Rio de Janeiro, entretanto, os erros serviram de aprendizado e a crise da ponte Rio-Niterói mostrou o preparo do BOPE, como será descrito abaixo.

Via de regra, é o policial territorial o primeiro a chegar em uma ocorrência dessa natureza. Como a doutrina já existe há 25 anos, a grande maioria dos policiais sabe a importância de fazer o isolamento da área (estabelecer perímetros de segurança), a contenção da crise (não deixar que ela se alastre) e ainda uma tentativa de negociação para convencer os criminosos a liberarem os reféns e se entregarem. Denominamos essa fase como a “primeira intervenção” – muitas vezes é suficiente para resolver a crise.

Algumas situações são bem complexas ou se tornam mais complicadas, quando então é necessário o acionamento dos grupos especializados. Foi exatamente o que aconteceu no Rio de Janeiro.

Quando o BOPE, o GATE ou qualquer grupo de elite é chamado, ele se desloca para o local com uma equipe multidisciplinar apta para atuar nas quatro alternativas táticas: negociação, emprego de técnicas não letais, tiro de comprometimento e invasão tática.

Ao chegar ao local, estabelece-se um gerente para a crise. No caso em estudo, o comandante do BOPE era o responsável. Há ainda um especialista responsável, com autonomia de planejamento, para cada uma das alternativas táticas. Ao chegarem, estes profissionais iniciam os seus estudos sobre local, circunstâncias e eventual forma de atuação coordenada (submetida ao crivo do gerente da crise).

É sabida a importância da negociação, e ela é a primeira alternativa a entrar em ação, pois é a que mais se aproxima dos grandes objetivos da doutrina vigente: preservar vidas (dos policiais, dos reféns e dos criminosos), cumprir a lei e reestabelecer a ordem pública. O objetivo é convencer o criminoso a liberar os reféns e, ao final, se entregar para responder pelos seus atos à justiça. Neste intuito são empregadas técnicas, táticas e estratégias especializadas. O sucesso da negociação é medido por um processo de evolução que, quando acontece, sinaliza a sua continuidade. A liberação de reféns é vista como positiva, entretanto, quando a negociação para de evoluir ou quando apresenta sinais de retrocesso por parte dos criminosos, inicia-se a cogitação das demais alternativas táticas. Foi o que ocorreu no Rio de Janeiro.

Importante ressaltar que, não raras vezes, o negociador (sempre um policial) tem a chance de liquidar o criminoso; ainda mais quando há um só transgressor que, por precipitação ou ato falho, acaba por se expor. Nunca se deve proceder dessa forma, pois um grupo tático respeitável não deve se valer de artifícios que afetem a sua credibilidade – patrimônio difícil de construir, mas fácil de perder. Esse aspecto da doutrina foi observado no Rio de Janeiro quando o criminoso se expôs na tentativa de arremessar uma espécie de “coquetel Molotov” na direção dos policiais que cercavam o ônibus.

O negociador deve sempre tentar convencer o criminoso a se render. Faz parte do processo o abrandamento das exigências do transgressor e a diminuição dos riscos, sobretudo com a liberação de reféns, o que foi observado no Rio de Janeiro. Segundo o protocolo, os reféns liberados devem ser encaminhados de imediato a uma unidade médica, sempre presente neste tipo de situação. Logo depois, estes são entrevistados para fornecerem informações para a equipe tática presente, principalmente quanto ao estado emocional do transgressor.

No caso do Rio de Janeiro, as informações compartilhadas sinalizaram o risco de se prosseguir com a negociação: o criminoso fixara recipientes com combustível em varais improvisados no interior do ônibus, amarrara os reféns com “enforca gato” nos bancos (dificultando a chance de fuga), usara tinta spray nos vidros (impedindo visibilidade), portava luvas e máscara (tentando proteger sua identidade) e apresentava comportamento intempestivo e oscilante. A soma desses indicadores deixou claro o risco iminente ao grande número de reféns ainda mantidos no ônibus.

Os três requisitos para a decretação de uma alternativa tática mais enérgica para a resolução da crise estavam presentes no Rio de Janeiro: negociação com sinais de declínio/ involução, risco insuportável e probabilidade de sucesso de alternativa tática mais enérgica. Acertadamente o gerente da crise optou pelo emprego do atirador de elite (sniper).

Em algumas situações, o atirador de elite pode fazer um disparo para desarmar o criminoso, preservando a sua vida (ex.: um tiro na mão que porta a arma ou na perna para evitar deslocamento). Entretanto, em hipótese alguma se pode correr o risco de efetuar este tipo de disparo produzindo um desdobramento que ofereça risco aos reféns. Por isso, boa parte das vezes, o disparo visa dar certeza de que a crise será encerrada com a eliminação do agressor – foi o caso no Rio de Janeiro.

O gerente da crise autoriza a “luz verde” (permissão para o sniper atuar) e determina o exato objetivo que se pretende alcançar. O sniper, por sua vez, decide o momento correto para efetuar o disparo; sua autonomia é total, a ponto inclusive de não atirar caso algum impedimento técnico impossibilite o objetivo traçado pelo gerente da crise.

Em geral, quando o atirador recebe ordem para eliminar a vida do transgressor, a boa técnica recomenda um disparo certo que cesse imediatamente a agressão, eliminando inclusive possibilidade de “espasmo motor” (reação por reflexo que pode fazer o criminoso apertar o gatilho de uma arma). Vem daí uma frase comum no meio dos atiradores de elite: “One shot. One kill” (Um tiro. Uma morte). Entretanto, é perfeitamente admissível a possibilidade de disparos múltiplos quando a geografia do local ou a posição

do atirador oferecem restrições. Foi exatamente isso que aconteceu no Rio de Janeiro, obrigando o atirador a fazer múltiplos disparos.

Em conclusão, do ponto de vista doutrinário a atuação do BOPE no Rio de Janeiro foi irretocável e ficou evidente o amadurecimento das tropas de elite do Brasil.

Finalmente, duas importantes lições emergem desta ocorrência no Rio de Janeiro. A primeira é que a negociação resolve muitas ocorrências, mas não resolve todas. A segunda é que quando profissionais agem no estrito cumprimento do dever legal, com base em princípios doutrinários e na fiel observância da lei, sem interferência de natureza política, o resultado é inquestionável.

**Diógenes Lucca**

É tenente-coronel da Polícia Militar e ex-comandante do GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais)

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-c2r3b>

